



Família e relações de poder na historiografia brasileira: discussão sobre obras de  
Oliveira Viana, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda

Augusto César Feitosa Pinto Ferreira<sup>1</sup>

Universidade Federal de Pernambuco

Recife – Pernambuco – Brasil

**RESUMO:** A partir da análise de três livros considerados fundadores da história da família no Brasil, pretende-se discutir as semelhanças e diferenças das abordagens de Oliveira Vianna, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque. O objetivo é evidenciar a importância que a família assume nas interpretações destes autores sobre a formação do país.

**PALAVRAS-CHAVE:** História da Família, Historiografia.

**ABSTRACT:** The historiography of family in Brazil has three founders: Oliveira Vianna, Gilberto Freyre and Sérgio Buarque de Hollanda. This article intends to discuss the similarities and differences between the approaches of these historians. The aim is to highlight the importance that the family takes in the interpretations on the formation of Brazil.

**KEYWORDS:** History of Family, Historiography.

---

<sup>1</sup> Bacharel em História pela UFPE. Bacharel em Direito pela UNICAP. Mestrando em História pela UFPE, bolsista da CAPES. Este artigo foi realizado como requisito para aprovação na disciplina *História, Gênero e Família*, ministrada pela Professora Visitante Dra. Erika Windler.



## Introdução

A historiografia sobre a família no Brasil apresenta, principalmente a partir da década de 1980, uma tendência ao desenvolvimento de perspectivas críticas às obras consideradas fundadoras deste tema. Mesmo assumindo concepções ou resultados diferentes, no entanto, o diálogo com as obras de Gilberto Freyre e Oliveira Vianna expõe a importância destes autores. O objetivo deste artigo é apresentar o modo através do qual a temática da família aparece em três livros considerados como clássicos da historiografia: *Populações Meridionais do Brasil*, *Casa-Grande & Senzala* e *Raízes do Brasil*.

A escolha dos autores, principalmente Gilberto Freyre e Oliveira Vianna, foi resultado da referência constante destes como precursores da historiografia sobre a família no Brasil<sup>2</sup>. A inclusão da obra *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, justifica-se pela sua importância como clássico da historiografia brasileira e, principalmente, pelo relevante papel que confere ao tema da família em sua interpretação sobre a formação política e cultural do país. Candice Souza e Tarcísio Botelho ressaltam que, apesar de menos lembrado, ainda sim *Raízes do Brasil* pode ser reconhecido como uma das obras fundadoras da história da família<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Alguns trabalhos realizaram uma revisão da produção historiográfica sobre a família no Brasil, servindo de base para a constatação da importância de Gilberto Freyre, Oliveira Vianna e Sérgio Buarque para este campo temático: ALMEIDA, Ângela Mendes. Uma visão multidisciplinar de família - Família e História. **Anais do XVI Congresso de Economia Doméstica**, Viçosa, 2001. Disponível em internet: <[http://www.usp.br/nemge/textos\\_seminario\\_familia/fam\\_hist\\_metodologicas\\_almeida.pdf](http://www.usp.br/nemge/textos_seminario_familia/fam_hist_metodologicas_almeida.pdf)>. Acesso em: julho de 2008. FARIA, Sheila Siqueira de Castro. História da Família e Demografia Histórica. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Org.). **Domínios da História - Ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, pp. 241-258. SAMARA, Eny de Mesquita. Patriarcalismo, família e poder na sociedade brasileira – séculos XVI-XIX. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 11, n. 22, 1991, pp. 7-33. SILVA, Tânia Maria Gomes. Família e Historiografia. **Politéia**, Vitória da Conquista, v. 2, n.1, 2002, pp. 37-43. TERUYA, Marisa Tayra. A família na historiografia brasileira, bases e perspectivas de análise, **Anais do XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, Belo Horizonte, 2000. Disponível em internet: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/A%20Fam%C3%ADlia%20na%20Historiografia%20Brasileira...pdf> Acesso em: junho de 2008.

<sup>3</sup> SOUZA, C. V. ; BOTELHO, T. R.. Modelos nacionais e regionais de família no pensamento social brasileiro. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, 2001, pp. 414-432.



A relação entre o tema da família e as idéias centrais das obras escolhidas, a observação das fontes e metodologias utilizadas pelos autores, foram os meios definidos para alcançar o objetivo deste texto.

## *Populações Meridionais do Brasil*

O matuto do centro-sul, o gaúcho do extremo sul e o sertanejo do norte. Essas eram as populações regionais que, no ponto de vista de Oliveira Vianna, formavam a sociedade brasileira. O primeiro volume de *Populações Meridionais do Brasil*, publicado em 1918, foi o início de um projeto que pretendia explicar estas diferentes composições do Brasil. Apesar de conter observações gerais sobre a formação do Brasil, este volume teve como foco a região centro-sul, formada pelas *regiões montanhosas do Estado do Rio, o grande maciço continental de Minas e os Platôs agrícolas de São Paulo*<sup>4</sup>. O segundo volume, sobre a população rio-grandense, foi lançado após seu falecimento, em 1952. Nunca foi escrito o volume sobre os sertanejos. Através de seus tipos regionais, todos advindos do meio rural, Vianna procurava esclarecer a formação social e política do país.

O tema da família surgiu como resultado da metodologia escolhida para a obra. Vianna utilizou alguns fatores analíticos que serviram à explicação dos tipos regionais, como a influência do meio físico e geográfico, o regime de trabalho e propriedade, a raça, os modos de vida e de composição da família. José Murilo de Carvalho salienta a influência que a sociologia francesa da Escola de Le Play teve sobre a escolha desta metodologia e dos conceitos utilizados por Oliveira Vianna. Sociólogos como Edmond Demolins e Henry de Tourville utilizavam noções de tipos regionais, clã político e família patriarcal em seus estudos. Carvalho ressalta, no entanto, que dessa influência advieram apenas conceitos e métodos, os quais eram utilizados de forma crítica e em conformidade com a realidade brasileira:

*O uso criativo dos fatos sociais de Tourville, sobretudo do meio físico, das formas de trabalho, propriedade e produção, dos conceitos de família e clã,*

<sup>4</sup> VIANNA, Francisco José Oliveira. **Populações Meridionais do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952, p. 15.



*lhe permitiu produzir uma sociologia do mundo rural brasileiro que se incorporou definitivamente ao cânone interpretativo da nossa realidade. O método da escola levou-o, primeiro, a descobrir a variedade da formação social brasileira e a desistir de falar do Brasil como um todo como se fôssemos um povo homogêneo<sup>5</sup>.*

Algumas das idéias sobre a família, na obra de Vianna, podem ser extraídas em suas explanações sobre a ocupação territorial e formação sócio-econômica da região-sul durante a colonização. A população colonial teria passado por um processo de *ruralização*, o qual estaria completo no século IV<sup>6</sup>. A fixação de domicílio único na área rural pelos nobres, decorrente das obrigações advindas dos negócios econômicos, além das entradas aos sertões em busca de índios, seguido da expansão pastoril nos planaltos e posterior conquista das minas, foram os fatores de esvaziamento dos centros urbanos. A vida colonial, assim, teria no espaço rural - nas grandes propriedades rurais e fazendas – o seu cenário principal, influenciando a composição social e os costumes do brasileiro<sup>7</sup>.

A *ruralização* foi acompanhada pelo processo de formação dos latifúndios. A grande propriedade seria elemento essencial para entender o país, assim pensava o autor ao escrever: *Nós somos o latifúndio*<sup>8</sup>. A origem estaria no sistema de sesmaria, vigente no início da colonização, tendo continuidade através do crescimento da área pastoril e da cultura cafeeira nos planaltos. Vianna acreditava que as culturas cultivadas na região – seja o pastoreio, a lavoura de cana ou de café – teriam maior produtividade sob esse regime de propriedade<sup>9</sup>.

Através da expressão *função simplificadora do grande domínio rural*, Oliveira Vianna explicou as conseqüências do sistema latifundiário, o qual impediu o surgimento de forças que fossem contrapostas a seu poder: *nem classe comercial, nem classe industrial, nem corporações urbanas. Na amplíssima área de latifúndios agrícolas, só os grandes senhorios rurais existem. Fora deles, tudo é rudimentar, informe,*

<sup>5</sup> CARVALHO, José Murilo de. Introdução. In: SANTIAGO, Silviano (Org.). **Intérpretes do Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v. 1, 2000, p. 908.

<sup>6</sup> Oliveira Vianna utiliza uma contagem dos séculos que é iniciada a partir do início da colonização do Brasil. Assim, o século XVI transforma-se, em seu livro, no século I. O século IV, em sua obra, é equivalente ao XIX.

<sup>7</sup> VIANA, Oliveira. *op cit*, p. 27-79.

<sup>8</sup> Idem, p. 66.

<sup>9</sup> Idem, p. 170.



*fragmentário*<sup>10</sup>. As grandes propriedades detinham grande independência econômica e política. É diante desse latifúndio, em sua força e consequência sobre a vida social, política e econômica, que a obra do autor se concentra.

A gravitação da vida social em torno das grandes propriedades é explicada e potencializada pelo conceito de *clã rural*. Vianna explica o clã através da percepção de que ele era um sintoma de uma situação em que *toda a população rural, de alto a baixo, está sujeita ao mesmo regime, toda ela está agrupada em torno dos chefes territoriais*<sup>11</sup>. Esses clãs rurais seriam perceptíveis tanto nas bandeiras do *II século*, como nos grupos eleitorais do Império. A formação dos clãs e a concentração das populações dos campos em torno dos grandes senhores rurais não seria consequência de necessidades econômica, militar ou religiosa. A causa estaria na *anarquia branca*, elemento presente na sociedade rural desde os primeiros séculos da colonização. Vianna ressaltou que uma justiça parcial e corrupta, incapaz de garantir direitos das classes inferiores, e o receio de recrutamento forçado, levaram os pobres a procurarem proteção dos potentados rurais. Em resposta à proteção do chefe, essa população prestava auxílio nas atividades de defesa dos clãs, como capangas, ou mesmo nas eleições, através dos votos<sup>12</sup>.

As considerações sobre a família aparecem, na obra de Oliveira Vianna, de forma esparsa e ligadas à análise sobre o latifúndio e o clã rural. Em algumas passagens o autor defendeu, por exemplo, que as camadas mais pobres viviam sob situação de fragilidade familiar. Ao ressaltar que as camadas inferiores aderiram à estrutura patronal de poder dos clãs rurais diante da necessidade de defesa, causada pela inexistência de proteção por instituições administrativas, políticas, sociais, Vianna escreveu:

*o indivíduo das camadas inferiores está, no ponto de vista da solidariedade parental, completamente desamparado: da dissolução familiar, em que vive, não é possível surgir uma concentração gentílica, capaz de constituir-se em centro poderoso de defesa individual. Só a alta classe rural goza, principalmente no passado, destas vantagens tutelares*<sup>13</sup>

<sup>10</sup> Idem, p. 181.

<sup>11</sup> Idem, p. 203.

<sup>12</sup> Idem, p. 202-227.

<sup>13</sup> Idem, p. 218.



Nesta passagem, também fica exposto a opinião de que, na classe rica e proprietária, a família não apresentava situação de fragilidade ou dissolução. Ainda em outro trecho, Viana reforça o caráter dissolúvel, o qual também seria causa para presença de elementos considerados imorais na formação da *plebe rural*:

*Nesta, o princípio dominante da sua formação é a mancebia, a ligação transitória, a poliandria difusa – e essa particularidade de organização enfraquece e dissolve o poder do pater-familias. (...) Dessa instabilidade e dessa dissolução da autoridade paterna é que provém a maior parte das falhas morais do baixo povo dos campos<sup>14</sup>*

Em situação oposta estaria a *família fazendeira*, a qual é exaltada como a *mais bela escola de educação moral do nosso povo*<sup>15</sup>. O autor defendeu a ação educadora que o *pater-familias* mantinha sobre filhos, parentes, agregados, além do respeito que as esposas tinham sobre o mesmo. O patriarca da alta classe rural é visto com total controle sobre os assuntos da família, desde a educação dos filhos ao casamento dos mesmos. Vianna deixa transparecer o seu elogio ao princípio da autoridade e aos costumes morais advindos desta estrutura patriarcal: *O sentimento de respeito aos mais velhos e de obediência à sua autoridade, tão generalizado outrora no nosso meio rural, é também uma resultante dessa organização cesarista da antiga família fazendeira*<sup>16</sup>. A família senhorial é exaltada também pela predominância da raça ariana<sup>17</sup>. Essas reminiscências raciais, advindas da nobreza territorial, de herança lusa, são vistas como garantidoras da assimilação da sociedade ocidental e de seus ideais. Vianna declara em seu texto a defesa da raça branca<sup>18</sup>.

O estudo da família, seja dos grandes proprietários ou da plebe rural, não surge como centro do estudo do livro *Populações Meridionais do Brasil*. As considerações sobre as estruturas familiares aparecem como parte de uma metodologia que optou por analisá-las em conjunto com outros elementos (raça, regime de propriedade, fatos sociais e políticos). Durante o livro, e principalmente no *addendum* presente na edição de 1952, Vianna declara que priorizou a exposição dos fatores que explicassem a estrutura das instituições políticas do centro-sul, bem como a atitude do homem desta

<sup>14</sup> Idem, p. 67-68.

<sup>15</sup> Idem, p. 67.

<sup>16</sup> Idem, p. 68.

<sup>17</sup> Idem, p. 95.

<sup>18</sup> Idem, p. 164-165.



região diante do Estado<sup>19</sup>. Assim, as observações sobre a família patriarcal e sua influência sobre a sociedade, além da visão negativa apresentada sobre as famílias das classes pobres, não são aprofundadas como objeto principal de estudo. São apenas elementos que pretendem reforçar o argumento central da obra, que gira em torno da preponderância do clã rural e do latifúndio na formação política do país. Quando existe uma preocupação em desenvolver noções sobre a família, concentra-se na formação e estruturação dos clãs rurais, com foco sobre a formação e atuação das grandes famílias do centro-sul na ocupação da região e no enfrentamento ao poder público. Foram estes os aspectos ressaltados no livro e trabalhados através de comentários à historiografia, documentos da época, como as fontes dos cronistas.

### *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*

Ao publicar *Casa Grande & Senzala*, em 1933, Gilberto Freyre declarava já no subtítulo que a família era o tema primordial da obra. Opção que estava em conformidade com sua visão sobre os fatores que garantiram a colonização do Brasil:

*A família, não o indivíduo, nem tampouco o Estado nem nenhuma companhia de comércio, é desde o século XVI o grande fator colonizador no Brasil, a unidade produtiva, o capital que desbrava o solo, instala as fazendas, compra escravos, bois, ferramentas, a força social que se desdobra em política, constituindo-se na aristocracia colonial mais poderosa da América. Sobre ela o rei de Portugal quase que reina sem governar<sup>20</sup>*

Junto à perspectiva da família patriarcal como unidade colonizadora fundamental, é possível estabelecer associações com outras idéias centrais da obra. Para Freyre, a formação histórica do Brasil foi marcada por um equilíbrio das diferenças marcantes existentes durante a colonização. Os antagonismos seriam culturais, econômicos e sociais, oriundos do encontro de diferentes culturas: a portuguesa, a ameríndia e a africana. O sistema de monocultura latifundiária e escravista seria fator

<sup>19</sup> Idem, p. 442.

<sup>20</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. In: SANTIAGO, Silvano (org.). *Coleção Intérpretes do Brasil – volume I*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000, p. 248.



ainda mais decisivo para o antagonismo fundamental da sociedade, entre senhores e escravos<sup>21</sup>.

A monocultura escravista seria também responsável pelos males advindos da colonização. Neste ponto, Freyre apresenta, neste aspecto, uma oposição às teses que colocavam a raça negra ou a miscigenação como causa da degeneração e problemas do país:

*Ligam-se à monocultura latifundiária males profundos que têm comprometido, através de gerações, a robustez e a eficiência da população brasileira, cuja saúde instável, incerta capacidade de trabalho, apatia, perturbações de crescimento, tantas vezes são atribuídas à miscigenação<sup>22</sup>*

Influenciado pelo antropólogo Franz Boas, ele nega o determinismo racial, escolhendo os fatores sociais e culturais como centro da interpretação sociológica<sup>23</sup>.

Apesar do reconhecimento dos problemas advindos do sistema econômico implantado, além de certas passagens em que demonstra violências sofridas por escravos e índios, a narrativa de Gilberto Freyre aponta para uma defesa, ou justificação, da colonização portuguesa<sup>24</sup>: *Tenhamos a honestidade de reconhecer que só a colonização latifundiária e escravocrata teria sido capaz de resistir aos obstáculos enormes que se levantaram à civilização do Brasil pelo europeu<sup>25</sup>*. Mais do que em certos trechos, essa tendência torna-se mais perceptível na estrutura geral da obra. Cardoso enfatiza que a análise de Freyre é marcada por oposições binárias simplificadoras e por um equilíbrio entre elementos contrários, fatores que contribuem para suavização dos conflitos. Reis também tem interpretação semelhante: *A narrativa*

---

<sup>21</sup> Idem, p. 279.

<sup>22</sup> Idem, p. 210.

<sup>23</sup> Idem, p. 209.

<sup>24</sup> REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999, p. 55: “*Casa Grande e senzala é uma obra neovarnhageniana: é um relogio da colonização portuguesa, é uma justificação da conquista e ocupação portuguesa do Brasil. O Brasil é visto como uma sociedade original e multirracial nos trópicos, obra do gênio português. (...) O livro genial de Freyre renovou a visão do Brasil das elites em crise. Ele revigorou o mundo que as elites luso-brasileiras criaram no passado e confirmou o elogio e a legitimação que lhe havia feito Varnhagen nos anos 1850*”. Cardoso tem interpretação semelhante, analisando que na obra de Freyre “*o aspecto arbitrário do comportamento senhorial se esfuma no clima geral da cultura patriarcal, vista com simpatia pelo autor*”. CARDOSO, Fernando Henrique. Apresentação. In: FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global Editora, 2006.

<sup>25</sup> FREYRE, Gilberto. *op cit*, p. 445.





de Freyre, assim que percebe conflitos, produz a sua dissipação. Os conflitos são percebidos, não são escamoteados, mas administrados<sup>26</sup>. A valorização da miscigenação cumpre o papel de estabelecer o equilíbrio entre tantos antagonismos presentes na colonização. O processo de miscigenação é visto por Freyre como responsável amenizar os conflitos inerentes ao encontro das raças:

*A miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distância social que doutro modo se teria conservado enorme entre a casa-grande e a mata tropical; entre a casa grande e a senzala. O que a monocultura latifundiária e escravocrata realizou no sentido de aristocratização, extremando a sociedade brasileira em senhores e escravos, com uma rala e insignificante lambujem de gente livre sanduichada entre os extremos antagônicos, foi em grande parte contrariada pelos efeitos sociais da miscigenação<sup>27</sup>*

Apesar do reconhecimento da influência dos fatores econômicos, Freyre declarou que o objetivo do livro não era aprofundar esse tema, e sim realizar uma história social da Casa-Grande, construindo uma história íntima e realizando uma *aventura de sensibilidades*<sup>28</sup>. A casa-grande, e sua senzala, seria o espaço propício a esse estudo. Nesse ambiente ocorreria, segundo Freyre, a miscigenação, tão importante em sua visão sobre o equilíbrio de antagonismos presente na formação do Brasil. Através da pesquisa sobre certos comportamentos e fatos sociais – como casamentos, vida doméstica, costumes cotidianos – Freyre estudou a família patriarcal do nordeste açucareiro.

A simpatia pela colonização portuguesa, a tendência para suavizar os conflitos, o equilíbrio dos antagonismos, a valorização da miscigenação e a visão da família patriarcal como unidade colonizadora fundamental. Estes são aspectos que não devem ser esquecidos numa apresentação sobre os temas de história da família existentes em *Casa-Grande & Senzala*. Eles estão intrinsecamente presentes nos comentários acerca do casamento, dos costumes familiares e na própria centralidade que a família patriarcal tem como temática. Segue adiante uma referência a alguns desses temas.

---

<sup>26</sup> REIS, José Carlos. *op cit*, p. 80.

<sup>27</sup> FREYRE, Gilberto. *op cit*, p. 210.

<sup>28</sup> Idem, p. 218-220.



A colonização do Brasil, para Freyre, iniciara, a partir de 1532, através das famílias rurais, formadas por casais vindos de Portugal, ou pelo casamento de europeus com índias, moças órfãs e *à-toa* vindas do Reino<sup>29</sup>. É diante desse casamento com as índias que Freyre inicia o relato da miscigenação, defendendo a importância dessa união para ocupação de território tão extenso. Além da função de esposa e mãe, ele ressaltou a contribuição da cultura indígena na formação colonial, diante da introdução de tradições e costumes desses povos (drogas caseiras, utensílios de cozinha, processos de higiene tropical, educação infantil). Se inicialmente essa união ocorreu pela ausência de brancas, o motivo posterior seria a preferência sexual. Na explicação desse processo, Freyre não dispensa o tom mítico e, talvez, nostálgico: *O ambiente em que começou a vida brasileira foi de quase intoxicação sexual. O europeu saltava em terra escorregando em índia nua*<sup>30</sup>. A poligamia dos ameríndios também teria contribuído para quebrar ainda mais o padrão católico de vida social do português, expandindo sua tendência moçárabe de *viverem com muitas mulheres*<sup>31</sup>.

O contato e a vida sexual entre brancos e negras, no ambiente da casa-grande, também é debatido por Gilberto Freyre. Ele discute a opinião recorrente de que a negra era a responsável pela depravação e corrupção da vida sexual dos brasileiros. A sífilis era doença recorrente e era comum colocar naquelas a culpa da disseminação. Também se criticava a precocidade com que meninos brancos iniciavam a vida sexual com as escravas. Em vez de apontar que esses problemas eram oriundos da raça negra, Freyre aponta a escravidão como causa, o abuso de uma raça por outra, salientando também que a sífilis era originária dos próprios senhores das casas-grandes<sup>32</sup>.

A influência das negras é ressaltada também quando o assunto era a educação e os cuidados dedicados às crianças e recém-nascidos. O autor salienta o papel das amas-de-leite africanas, as quais cuidavam dos meninos da casa-grande, transformando-se em alguns casos em verdadeiras mães-pretas. Influência que também alcançou costumes e tradições brasileiras, como a adaptação das canções de berço portuguesas às linguagens e crenças da região. As cantigas de ninar, dessa maneira, foram trabalhadas como fontes

---

<sup>29</sup> Idem, p. 252.

<sup>30</sup> Idem, p. 313.

<sup>31</sup> Idem, p. 319.

<sup>32</sup> Idem, p. 503-509.



históricas. Ele também destacou, nestes relatos, alguns sinais de *doçura nas relações dos senhores com escravos domésticos*:

*A casa-grande fazia subir da senzala para o serviço mais íntimo e delicado dos senhores uma série de indivíduos – amas de criar, mucamas, irmãos de criação dos meninos brancos. Indivíduos cujo lugar na família ficava sendo não o de escravos mas o de pessoas de casa*<sup>33</sup>

Apesar dessa *doçura*, também há espaço na obra para relatos de crueldades contra negras, como a violência de senhoras que eram tomadas por ciúmes de escravas que eram amantes de seus maridos<sup>34</sup>.

No livro também surge relatos sobre os casamentos da época, suas festas, seus arranjos familiares, que juntavam parentes como cônjuges, com o objetivo de não difundir tantas divisões de heranças e propriedades. Situação que não impediu sempre as brigas entre primos e irmãos por questões de terra e testamento<sup>35</sup>. Freyre comenta também sobre casamento de negros, afirmando que este ocorria também sob influência da família patriarcal, tanto na autorização para casar, quanto na adoção dos nomes fidalgos, fato que seria um sinal de busca por ascensão social, através da imitação dos valores do senhorio<sup>36</sup>. Concorda ainda com a visão de Caio Prado Junior sobre a dificuldade encontrada por grande parte da população, principalmente escrava, de formar famílias em bases sólidas e estáveis<sup>37</sup>.

A miscigenação é celebrada ainda através da constatação das várias uniões irregulares, entre homens abastados e mulheres negras e mulatas. Neste assunto surge o tema dos filhos ilegítimos:

*O intercurso sexual de brancos dos melhores estoques – inclusive eclesiásticos, sem dúvida nenhuma, dos elementos mais seletos e eugênicos na formação brasileira – com escravas negras e mulatas foi formidável. Resultou daí grossa multidão de filhos ilegítimos – mulatinhos criados muitas vezes com a prole legítima, dentro do liberal patriarcalismo das*

---

<sup>33</sup> Idem, p. 535.

<sup>34</sup> Idem, p. 523.

<sup>35</sup> Idem, p. 526-534.

<sup>36</sup> Idem, p. 618-619.

<sup>37</sup> Idem, p. 289.



*casas-grandes; outros à sombra dos engenhos de frades; ou então nas 'rodas' e orfanatos*<sup>38</sup>

Diante dessa exposição de temas, percebe-se o quanto o estudo da família esteve circunscrito à prevalência do modelo patriarcal<sup>39</sup>. Mesmo quando o livro alcança negros e índios, seus comentários são feitos de acordo com o estudo do patriarcalismo e da miscigenação. O autor declara abertamente este objetivo de centralizar a família patriarcal em seu estudo<sup>40</sup>. Algumas análises historiográficas enfatizam o estudo desse padrão familiar como sendo a grande marca de *Casa-Grande & Senzala*<sup>41</sup>. Dificilmente pode-se discordar dessa visão. No entanto, optou-se neste texto pela demonstração de que, mesmo sob a sombra do patriarcalismo, a obra de Freyre consegue alcançar diversos temas e objetos importantes: vida sexual, casamento de escravos, costumes familiares, filhos ilegítimos, educação e vida cotidiana das crianças. Esse alargamento de temas foi possível diante de seu pioneirismo no uso de fontes<sup>42</sup> e na intenção de fazer uma *história íntima*.

### ***Raízes do Brasil***

A família não foi a principal temática de *Raízes do Brasil*. Publicado em 1936, este ensaio apresentou uma explicação sobre a formação cultural e política do Brasil, com vistas a entender suas origens e problemas. Sérgio Buarque estabeleceu uma crítica

---

<sup>38</sup> Idem, p. 611.

<sup>39</sup> Uma síntese do conceito de família patriarcal é apresentada em: ITABORAÍ, Nathalie Reis. A família colonial e a construção do Brasil: Vida doméstica e identidade nacional em Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Nestor Duarte. **Revista Antropológicas**, volume 16(1), ano 9, 2005, p. 173: “*Em Casa Grande & Senzala, Gilberto Freyre apresenta a conhecida descrição da família patriarcal colonial brasileira, uma família chefiada por um patriarca que detém poder sobre seus filhos e esposa e também sobre parentes, agregados e escravos, constituindo uma família extensa*”. Sobre esse poderio dos senhores Gilberto Freyre comentou: “*A força concentrou-se nas mãos dos senhores rurais. Donos das terras. Donos dos homens. Donos das mulheres*”. FREYRE, Gilberto. *op cit*, p. 214.

<sup>40</sup> Idem, p. 289.

<sup>41</sup> ALMEIDA, Angela Mendes. *op. cit.* SAMARA, Eny de Mesquita. *op cit.*

<sup>42</sup> Freyre indica algumas dessas fontes para estudo da história da vida íntima: confissões e denúncias reunidas pela visitação do Santo Ofício; cadernos caseiros intitulados “recolhedores de fatos”; inventários, testamentos, correspondências de autoridades, relatórios de Bispos, cartas de sesmarias, arquivos de família, teses médicas, relatórios de junta de higiene, crônica dos viajantes, coleções de jornais, folclores rurais, receitas de bolo, livros de etiqueta e romances da época. FREYRE, Gilberto. *op cit*, p. 220-225.



à tradição ibérica, mais especificamente portuguesa, e a apontava como entrave à modernização do país. Diferencia-se, neste aspecto, de Gilberto Freyre, o qual tendia para um elogio da colonização, uma nostalgia do mundo dominado pelas casas-grandes e por uma visão negativa da forças sociais que instauravam rupturas com esse passado<sup>43</sup>. O tema da família surge neste livro sob essa tendência crítica às raízes portuguesas. O modelo patriarcal e suas conseqüências sociais e políticas são criticados junto a outros elementos tidos como empecilhos ao desenvolvimento do país.

A metodologia do livro, conforme explica José Carlos Reis, é influenciado por dois autores do pensamento alemão moderno, Max Weber e Dilthey. A proposta metodológica weberiana de construção de tipos ideais e seu conceito de modernização do Estado são as grandes marcas do livro de Sérgio Buarque de Holanda. Reis comentou essa influência:

*A sua discussão do Estado brasileiro, das relações entre o público e o privado, a sua proposta de uma separação radical entre estas esferas e da modernização do Estado, que se tornaria mais racional e burocrático, mais eficaz na administração pública, são visivelmente weberianas. Há ainda os tipos ideais do trabalhador e do aventureiro, do ladrilhador e do sementeiro, do homem cordial e do homem polido, análise comparativa da mentalidade ibérica e da européia, das mentalidades portuguesa e espanhola na América<sup>44</sup>*

Em sua análise das características da colonização portuguesa, cabe destacar o traço da *herança rural* na formação do Brasil.. Ele destaca a *autarquia dos domínios rurais brasileiros*, os quais se constituíam em organismos completos, com auto-suficiência<sup>45</sup>. Além disso, destaca o modelo de poder ligado à organização das famílias, de caráter autoritário e extenso:

*Nos domínios rurais é o tipo de família organizada segundo as normas clássicas do velho direito romano-canônico, mantidas na península Ibérica através de inúmeras gerações, que prevalece como base e centro de toda a organização. Os escravos das plantações e das casas, e não somente escravos, como os agregados, dilatam o círculo familiar e, com ele, a autoridade imensa do pater-familias<sup>46</sup>*

<sup>43</sup> REIS, José Carlos. *op cit*, p. 122-127.

<sup>44</sup> Idem, p. 120.

<sup>45</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 80.

<sup>46</sup> Idem, p. 81.



A formação de uma civilização rural teria esmagado o surgimento de cidades e impedido o desenvolvimento de uma forte burguesia urbana. A vida social e política seria influenciada, assim, pelo padrão advindo das relações existentes nos núcleos da família latifundiária rural: *Toda a ordem administrativa do país, durante o Império e mesmo depois, já no regime republicano, há de comportar, por isso, elementos estreitamente vinculados ao velho sistema senhorial*<sup>47</sup>.

O resultado deste processo era a indistinção entre domínios do privado e do público por parte das pessoas que ocupavam posições públicas. As relações sociais eram construídas tendo por base a ordem familiar e doméstica, espaços em que vontades particulares se sobrepõem à impessoalidade. A ocupação destes cargos era influenciada por nomeações em que o critério era baseado na confiança pessoal, e não em suas capacidades<sup>48</sup>.

Influenciado pelas idéias de Max Weber a respeito das características do Estado moderno, Holanda entendia que a impessoalidade, a distinção entre interesse público e privado, além do advento de uma burocracia profissional, seriam as premissas para o desenvolvimento político. Diante dessa percepção, Estado e ordem familiar deveriam ser faces opostas. No Brasil, ocorrera o contrário:

*No Brasil, pode dizer-se que só excepcionalmente tivemos um sistema administrativo e um corpo de funcionários puramente dedicados a interesses objetivos e fundados nesses interesses. Ao contrário, é possível acompanhar, ao longo de nossa história, o predomínio constante das vontades particulares que encontram seu ambiente próprio em círculos fechados e pouco acessíveis a uma ordenação impessoal. Dentre esses círculos, foi sem dúvida o da família aquele que se exprimiu com mais força e desenvoltura em nossa sociedade. E um dos efeitos decisivos da supremacia incontestável, absorvente, do núcleo familiar – a esfera por excelência dos chamados ‘contatos primários’, dos laços de sangue e coração – está em que as relações que se criam na vida doméstica sempre forneceram o modelo obrigatório de qualquer composição social entre nós*<sup>49</sup>

A interpretação de Sérgio Buarque alcança também a esfera da cultura e da psicologia social. O personalismo e a *ética do aventureiro* herdado dos portugueses,

<sup>47</sup> Idem, p. 88.

<sup>48</sup> Idem, p. 141-146.

<sup>49</sup> Idem, p. 146.



além das conseqüências advindas de modelos sociais baseadas na organização familiar, foram fatores que marcariam um importante elemento cultural dos brasileiros. Através dessas influências, formar-se-ia o *homem cordial*. Holanda explica essa cordialidade como um traço afetivo das pessoas, em que estas precisam demonstrar uma proximidade e uma intimidade para que o convívio social seja efetivado. O apego aos diminutivos na lingüística e a tentativa de estabelecer intimidades com santos e coisas sagradas são pontos que demonstram a busca dos brasileiros por certa familiaridade na vida social<sup>50</sup>. Esse caráter psicológico pode ser visto também como parte de uma dificuldade para implementação de um comportamento pessoal e político que não seja dominado pelo padrão familiar, particularista, estranho ao interesse e espírito público.

Percebe-se, assim, que a família, em *Raízes do Brasil*, foi trabalhada como forma de elaborar uma crítica da formação do Estado e da cultura brasileira. A obra em questão não teve a temática das relações familiares como principal objeto de estudo. Foi apenas um dos elementos trabalhados para caracterizar formas de convívio e comportamentos políticos inadequados ao conceito weberiano de Estado moderno.

### Considerações Finais

Ao defender que foi instaurada uma *civilização de raízes rurais*, Sérgio Buarque aponta para visão próxima a Oliveira Vianna e Gilberto Freyre sobre o poderio das famílias latifundiárias rurais. As obras, no entanto, diferenciam-se bastante entre si nos seus objetivos, métodos e pela interpretação sobre as conseqüências desse sistema rural sobre a vida social e política do Brasil.

Em *Casa grande & Senzala*, como já foi salientado, há uma nostalgia na narrativa e um elogio da estrutura patriarcal, com crítica mais localizada sobre a monocultura. Freyre chegou a condenar a situação instalada após a abolição e ao desenvolvimento capitalista, o qual dera continuidade à monocultura latifundiária, principalmente no Nordeste, mas sem as algumas das benesses do patriarcalismo:

*da antiga ordem econômica persiste a parte pior do ponto de vista do bem-estar geral e das classes trabalhadoras – desfeito em 88 o patriarcalismo*

---

<sup>50</sup> Idem, p. 146-151.



*que até então amparou os escravos, alimentou-os com certa largueza, socorreu-os na velhice e na doença, proporcionou-lhes aos filhos oportunidades de acesso social. O escravo foi substituído pelo pária de usina; a senzala pelo mucambo; o senhor de engenho pelo usineiro ou pelo capitalista ausente<sup>51</sup>*

Freyre também ressalta o oligarquismo, nepotismo e gosto de mando político advindo dessa estrutura familiar de poder<sup>52</sup>. Mas, apesar dessa constatação, não há um desenvolvimento crítico sobre esse ponto, sendo predominante seu estilo de amenizar os conflitos e sua visão positiva do papel fundamental dessas famílias no desafio da colonização.

Em *Populações Meridionais do Brasil*, a família rural patriarcal, como explica José Murilo de Carvalho, passa por diferentes avaliações valorativas. Em determinados momentos ela é elogiada pelo papel na ocupação do território, por ter sido foco de educação moral, por sua reminiscência ariana. No entanto, *esta mesma aristocracia começa a ser chamada de caudilhagem, de potentados, de promotores da anarquia branca, de obstáculo à formação de um povo e de uma comunidade política<sup>53</sup>*. A interpretação de Vianna caminhou para um elogio da centralização política do Estado ocorrida durante o segundo reinado, que teria se sobreposto aos potentados rurais, fazendo prevalecer o poder público sobre o privado. Esse autor estava comprometido com uma crítica ao federalismo da República Velha, chegando, posteriormente, a colaborar com o regime autoritário do Estado Novo de Getúlio Vargas<sup>54</sup>.

Em relação ao estudo da família, percebe-se que, dos três autores analisados, apenas Gilberto Freyre definiu a família com objeto principal de estudo. Existiu convergência destas, no entanto, em focalizarem o modelo patriarcal, ressaltando a importância dos núcleos familiares rurais na sociedade durante a colonização e atravessando o Império. As famílias das classes mais pobres, quando citadas, não foram passíveis de maiores aprofundamentos de pesquisa. Apareciam somente como constatação de sua fragilidade e dificuldade de formação, ou vinculadas ao poderio mais amplo dos senhores rurais.

<sup>51</sup> FREYRE, Gilberto. *op cit*, p. 225-226

<sup>52</sup> Idem, p. 252.

<sup>53</sup> CARVALHO, José Murilo de. *op cit*, p. 911

<sup>54</sup> Idem, p. 914.





Mesmo com essas limitações, essas obras podem ser consideradas importantes exemplos de como a família pode ser um conceito ou fator analítico importante a ser pesquisado junto às relações de poder existentes no meio social. Neste aspecto, vale ressaltar a posição da historiadora Nara Milanich sobre a historiografia da família. Para Milanich, a realidade da América Latina pode contribuir bastante para esse campo de estudo. Diante de formações sociais e culturais marcadas por enormes desigualdades, os estudos sobre essa região expõem diretamente as relações entre família, relações de poder e construção das hierarquias sociais:

*A globalized history of childhood and family must address “the gulf in life experience separating the children of the wealthy from the children of the poor,” across societies and within them. The Latin American experience further suggests that childhood, domestic arrangements, and familial ideologies may be constitutive of these differences in the first place. Family produces and reproduces, demarcates, mediates, and elides social difference. Analysis of these complex dynamics can illuminate family practices, social order, and the connections between them, and in so doing, pose a new research agenda for historians of the family<sup>55</sup> (MILANICH, 1997, p. 458).*

Essa historiadora resalta a importância de Gilberto Freyre neste sentido. Apesar de criticá-lo em alguns pontos, como a visão benigna e harmônica do contato entre as raças, ela destaca seu pioneirismo e importância para o campo:

*He demonstrated the links between socialization, the ways cultural knowledge is transmitted and transformed, and the exercise of social power. On a broader plane, he showed how family relations, “private” spaces, and children are implicated in the making of social and racial hierarchies at the heart of Brazilian society<sup>56</sup>*

A historiografia fundadora, analisada neste texto, contribui para a percepção de que as relações de poder, seja num plano micro ou mais amplo, são formadas e mediadas pelas relações familiares. Através de distintas metodologias e atravessada por diferentes concepções ideológicas, as obras de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de

[www.veredasdahistoria.com](http://www.veredasdahistoria.com)

<sup>55</sup> MILANICH, Nara. Review Essay: Whither Family History? A Road Map from Latin America. **The American Historical Review**, April 2007, p. 458.

<sup>56</sup> Idem, p. 454.



Hollanda e Oliveira Vianna, expõem, junto às discussões sobre o poder e a formação do Brasil, a importância da família como categoria de análise histórica.

## Veredas da História

### BIBLIOGRAFIA:

FARIA, Sheila Siqueira de Castro. História da Família e Demografia Histórica. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Org.). **Domínios da História - Ensaio de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

SAMARA, Eny de Mesquita. Patriarcalismo, família e poder na sociedade brasileira – séculos XVI-XIX. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 11, n. 22, 1991.

SILVA, Tânia Maria Gomes. Família e Historiografia. **Politéia**, Vitória da Conquista, v. 2, n.1, 2002.

TERUYA, Marisa Tayra. A família na historiografia brasileira, bases e perspectivas de análise, **Anais do XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, Belo Horizonte, 2000. Disponível em internet:

<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/A%20Fam%C3%ADlia%20na%20Historiografia%20Brasileira....pdf>

Acesso em: junho de 2008.

SOUZA, C. V.; BOTELHO, T. R.. Modelos nacionais e regionais de família no pensamento social brasileiro. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, 2001.

VIANNA, Francisco José Oliveira. **Populações Meridionais do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952.



CARVALHO, José Murilo de. Introdução. In: SANTIAGO, Silviano (Org.). **Intérpretes do Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v. 1, 2000.

FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. In: SANTIAGO, Silviano (org.). **Coleção Intérpretes do Brasil – volume I**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MILANICH, Nara. Review Essay: Whither Family History? A Road Map from Latin America. **The American Historical Review**, April 2007.